

laços de camaradagem que a todos reuniam naquela expressão de concórdia e camaradagem. Exaltou nosso amor ao Brasil e pediu que todos cada vez mais se dedicassem a seu serviço sem desfalecimento, sem canseiras, para sua maior grandeza e mais brilhante futuro.

Foi uma oração de exaltação e de encorajamento a todos os estagiários que por lá passaram.

Foi a clarinada de um novo toque de reunir para o bem do Brasil.

Aqui fica o registro, que faço com emoção, do conagração vivido pelas três turmas citadas, da Escola Superior de Guerra, sábado último, nesta Capital. (Muito bem! Palmas.)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. LUIZ VIANA NA SESSÃO ORDINÁRIA DE 1º-6-76 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE:

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, aos que acompanham a vida político-partidária do País, não devem ter escapado os reparos que, em certos círculos, talvez pouco numerosos, chegaram a ser externados em torno da posição do Senhor Presidente da República, diante da política e das eleições a serem realizadas em novembro próximo.

Não desejo aqui fazer a defesa do Sr. Presidente, que dela não necessita, e muito menos tomar a mim esse encargo que poderia ser feito, caso necessário, muito melhor por outros colegas. Isso, entretanto, não me exime de tecer algumas considerações de ordem mais teórica do que prática, considerações históricas sobre esse aspecto da vida política do País, e certamente, de importância para todos nós.

Inicialmente, será conveniente que tenhamos uma idéia bastante precisa, bastante nítida, da dimensão e das funções do Presidente da República, no regime vigente. É possível que àqueles, voltados para o regime parlamentar, no qual o Presidente é o Chefe de Estado e não o Chefe do Governo, possa causar estranheza a presença atuante, a intervenção do Senhor Presidente da República na vida política do Brasil, mas, para os que estejam afeitos do que é o Presidente no sistema presidencial, que é o nosso, não pode causar nenhuma estranheza que Sua Excelência queira tomar, tenha tomado uma liderança efetiva para conduzir o seu Partido, os seus correligionários, nas lutas políticas eleitorais que se avizinham.

Acredito mesmo, Sr. Presidente, que, longe de reparos, longe de estranheza, longe de críticas, o que a atitude do Senhor Presidente da República deve merecer, não apenas de nós, os seus correligionários e eventuais beneficiários dessa atitude, mas de todos, a começar pela Oposição, é o louvor por essa posição política. Isso é sinal de que Sua Excelência quer trilhar, deseja preparar o País para os caminhos democráticos, eleitorais e políticos. O grave seria o contrário, se nós soubéssemos que o Presidente era indiferente a esses prêmios, que o Presidente, em vez de pedir o voto, estivesse acastelado na Presidência, para qualquer atitude menos democrática, numa futura eventualidade.

Ora, Sr. Presidente, o que Sua Excelência está fazendo é justamente afirmar e reafirmar uma posição nitidamente política.

O Sr. Ruy Santos (ARENA — BA) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Pois não.

O Sr. Ruy Santos (ARENA — BA) — Em 1974, não houve protesto, quando o Senhor Presidente da República fez uma campanha de comparecimento maciço às urnas, por parte do eleitorado, e contra o voto em branco.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Obrigado a V. Ex^a Mas, Sr. Presidente, essa atitude dos que censuram, dos que estranham, não é nova: fui encontrá-la numa página de Campos

Salas. Naeuele seu famoso livro, **Da Propaganda à Presidência**, assim se refere ao problema:

“Os que não puderam ainda compreender bem a essência do regime, tal como o concebe o nosso mecanismo institucional, mostram-se ingenuamente apavorados ante essa influência exercida legitimamente pela autoridade presidencial, supondo estarem na presença desse fantasma do poder pessoal, que outrora atribuíamos, nós, republicanos, principalmente ao Imperador, buscando aí valiosíssimo subsídio para os ataques à Monarquia”.

Veja V. Ex^a, Sr. Presidente, quanto é antiga esta celeuma em torno da posição do Presidente da República. Sua Excelência, portanto, decorridos 70 anos, não está fazendo mais do que exercer a boa prática republicana dentro do regime presidencial. É que, inexoravelmente, cabe ao Presidente da República, em todos os sistemas presidenciais, uma efetiva liderança no País. Isso acontece aqui, aconteceu aqui com todos os presidentes, civis e militares. Todos eles conduziram a política e, quando deixaram de fazê-lo, isso não foi frutuoso, não foi bom para o País — o que é bom para o País é que o Presidente se empenhe como Chefe do seu Partido, como Chefe daqueles que o conduziram à Presidência, para a continuidade da política que ele representa. Isso que acontece aqui, acontece também nos Estados Unidos, que é o modelo frequente e naturalmente invocado para os problemas referentes ao presidencialismo. Nunca se deixou de admitir, na América do Norte, que o Presidente da República tem, não somente o direito, mas até o dever de tomar essa posição.

Encontrei num livro, que é, aliás, clássico na matéria sobre os presidentes americanos, do escritor Rossiter, essa frase do Presidente Roosevelt, que foi dos maiores daquela nação.

Dizia ele:

“Minha crença era a de que não era só seu direito mas seu dever fazer qualquer coisa requerida pelas necessidades da Nação, a não ser que tal ação fosse proibida pela Constituição ou pelas leis.”

De forma que, salvo naquilo que fosse proibido pela constituição, o Presidente Theodoro Roosevelt acreditava-se com as mãos livres e, mais do que isso, com o dever de intervir, para conduzir a nacionalidade. É uma condição inerente, e que vamos encontrar aqui em frases, ainda mais claras, do Presidente Wilson, que é, por muitos publicistas, considerado o presidente mais intelectual, mais ilustre, que chegou a curul presidencial nos Estados Unidos.

Pois bem, dizia ele:

“Por maiores que tenham sido a prática e a influência dos presidentes, não se pode ter dúvida de que temos ficado cada vez mais inclinados, de geração a geração, a considerar o Presidente como a força unificadora em nosso complexo sistema.”

Veja V. Ex^a, Sr. Presidente, num país em que a democracia é tão efetiva, tão exaltada e que é o modelo de presidencialismo, a posição de liderança e atuação que deve ter o Presidente da República.

E diz mais, o próprio Presidente Wilson:

“Não pode existir governo bem sucedido sem liderança ou sem a coordenação íntima, quase instintiva nos órgãos da vida e da ação”.

Essa liderança é que lhe dá o presidente da república na grande nação norte-americana.

“Vai-se tornando, portanto, cada vez mais verdadeiro que, à proporção que o negócio de governo vai ficando cada vez mais complexo e extenso, o Presidente vai, por sua vez, tornando-se cada vez mais funcionário político e cada vez menos executivo”.

É que ele tem que nos ditar a sua missão, e a política do País. É a direção política da Nação.

"O Presidente é o líder político do País, ou, se quiser, pode exercer essa função. A nação como um todo escolheu-o, tem consciência que não dispõe de outro intérprete político. É a única voz nacional nos negócios públicos."

Ora, Sr. Presidente, se isso é certo, se essas observações em torno do Presidencialismo e da ação presidencial são certas, não podemos deixar de louvar, de apoiar a ação que está desenvolvendo politicamente, e apenas politicamente, o Senhor Presidente da República.

O Sr. Nelson Carneiro (MDB — RJ) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Logo que termine este conceito, concedê-lo-ei a V. Ex^a

O Sr. Nelson Carneiro (MDB — RJ) — Pois não, aguardarei.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — E, Sr. Presidente, não me alinho entre aqueles que pedem mais poder para o Presidente. Não, acho que o Presidente já tem tanto poder, tanta força, tanta maneira de atuar, que até desconfio — e V. Ex^a vai me permitir esta franqueza, que talvez até possa parecer destoar, mas mostra a sinceridade com que ocupo a tribuna — quando alguém me fala que é preciso dar mais poder ao Presidente, porque se dermos mais poder, então, estaremos a um passo da ditadura.

Mas não há dúvida de que, no regime atual, o Presidente é inegável, inequívoca e necessariamente o Líder da Nação e o Chefe do seu Partido.

Ouçó, com prazer, o aparte de V. Ex^a

O Sr. Nelson Carneiro (MDB — RJ) — Quero congratular-me com V. Ex^a, por abrir o debate sobre este problema, porque, realmente, é um problema momentoso e, mais ainda, revejo o velho companheiro dos tempos da juventude, quando se opõe a que se dê mais poderes ao Senhor Presidente da República. Inevavelmente, seria impossível, no momento, se dar mais poderes ao Senhor Presidente da República, porque ele tem todos os poderes. Acima dele, só Deus. Ele tem, inclusive, o poder de cassar o mandato de qualquer de nós, eleitos pelo povo, e de fechar, o Congresso e suspender até as atividades do Supremo Tribunal Federal, aposentando seus Ministros. Assim, não é possível dar mais poder ao Presidente da República. Mas eu estava ouvindo a evocação de V. Ex^a, quanto à função, à posição dos Presidentes da República nos Estados Unidos da América, e, realmente V. Ex^a colocou muito bem o problema. O Presidente dos Estados Unidos pode até pleitear a sua reeleição, ele próprio vai pedir o voto, e ainda agora nós vemos. Há uma diferença apenas. Tenho lido, por exemplo, que o Presidente Gerald Ford viaja em aviões comerciais, quando faz a sua campanha presidencial; ele vai pedir os votos para ele, nas mesmas condições que o candidato democrata, sem que haja entre um e outro qualquer distinção. No caso do Brasil, por exemplo, ainda recentemente o Senhor Presidente da República, estando no Rio Grande do Sul, numa Convenção da ARENA, pelo que foi divulgado, teve o seu discurso irradiado amplamente, como é de justiça se faça com o Senhor Presidente da República e, igualmente o foi, a saudação do Senador Tarso Dutra, enquanto que a Oposição não tem essa mesma possibilidade. Se se der à Oposição as mesmas possibilidades de divulgação dispensadas à campanha que o Senhor Presidente da República empreende, estou inteiramente de acordo com V. Ex^a. Penso que o Presidente da República deve ser partidário, deve interessar-se pela sorte do seu partido, deve participar da campanha eleitoral do seu partido, mas deve fazê-lo nas mesmas condições do partido adversário.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Muito obrigado pelo aparte de V. Ex^a

O Sr. Arnon de Mello (ARENA — AL) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Com muito prazer.

O Sr. Arnon de Mello (ARENA — AL) — V. Ex^a é da Bahia. V. Ex^a ouviu o aparte do nobre Senador Ruy Santos, que é da Bahia, e do Senador Nelson Carneiro, que, embora eleito pelo Rio de Janeiro, é baiano também. Permite V. Ex^a que um alagoano interfira no seu discurso. Quero lembrar a V. Ex^a que o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal, Hermes Lima, no livro, se não me engano, *Lição das Colinas*, defende a mesma tese de V. Ex^a. Ele acha que o Presidente da República tem que interferir na sua sucessão.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — É o livro de Lourival Fontes. Não é?

O Sr. Arnon de Mello (ARENA — AL) — Não, é o livro de Hermes Lima — *Lição das Colinas* — em que ele defende a tese de que o Presidente deve interferir na sua sucessão...

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Conheço o livro. É isso mesmo.

O Sr. Arnon de Mello (ARENA — AL) — ... porque, do contrário, se cria uma situação caótica. Aliás, Senhor Senador, o Brasil é um País adulto, tem 154 anos de Independência, e o seu povo sabe como votar. Em Alagoas, por exemplo, fui candidato a Governador, quando o Estado se achava sob o domínio de um homem violentíssimo, que dispunha de todas as Prefeituras. Venci, no entanto, a eleição, por grande margem. O povo vota, realmente, em quem quer, é um povo adulto. Era isso que eu-estimaria dizer a V. Ex^a, com os meus agradecimentos, por me haver concedido este aparte, e as minhas felicitações, pelo seu discurso.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Agradeço o aparte de V. Ex^a, mas além de Hermes de Lima, que foi também Chefe da Casa Civil, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Professor de Direito Constitucional, queria trazer aqui a opinião de Lourival Fontes, que foi Chefe da Casa Civil do Presidente Getúlio Vargas que, portanto, conviveu na intimidade da Presidência, e ele, então, lembra esse papel do Presidente, dizendo, invocando, aliás, exemplos americanos:

"O conceito presidencial de Lincoln, dos dois Roosevelts e de Truman, é mais político do que legista. É o homem das linhas de fogo, do gosto das batalhas, do risco das emergências. É o homem forte sobrecarregado de vontade que precede, que marcha à frente dos acontecimentos, que resolve as situações de disputa, que leva nos ombros as responsabilidades das decisões, que conduz os conflitos na mais exposta das posições, que responde pela integridade, pelos direitos, pelos interesses da nação. Não é um controlador de fundos ou uma preeminência do serviço civil, mas um chefe de partido que legisla, define e executa uma política."

O Sr. Heitor Dias (ARENA — BA) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Pois não.

O Sr. Heitor Dias (ARENA — BA) — V. Ex^a, com a sua experiência e cultura, expõe o caso com absoluta clareza e precisão. Se entendemos que a atividade política é de interesse nacional, não podemos deixar de admitir que o Presidente da República, sobretudo, quando é ele o Presidente do Partido, interfira nessa atividade política. Se o Partido é o sustentáculo do regime e, conseqüentemente do Governo, por ser o Partido da Maioria, é de se compreender que Sua Excelência queira esse Partido forte e, por isso mesmo, vitorioso nas urnas das eleições a que se proceder. De modo que me congratulo com V. Ex^a, pela oportunidade do seu discurso que V. Ex^a, como sempre, faz com brilhantismo.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Muito grato a V. Ex^a que, passado em julgado essa posição que o Presidente da República tem e deve ter na liderança da política no País, liderança que é tanto mais necessária quanto maiores são os meios de comunicação aparecidos no nosso tempo. Realmente, foi esse aspecto tecnológico, foi essa possibilidade de comunicação através do rádio, da televisão, que deu uma nova dimensão a essa presença do Chefe do Governo na vida política do País. E, aqui neste livro que é o de Clinton Rossitez, clássico sobre os poderes e práticas da Presidência, nos Estados Unidos, encontrei lá este pequeno trecho que é bastante esclarecedor deste fenômeno:

"O surgimento do Presidente como um Líder ativo do Congresso tem sido acompanhado de uma segunda mudança: a abertura de novos canais de comunicação através dos quais ele pode moldar e medir a opinião pública. Quem pode dizer o quanto de poder e drama tem passado das Câmaras do Congresso para o Presidente, devido ao fato de ele poder se comunicar com a nação facilmente através do rádio e da televisão, e eles não? Programas como o *Capitol Cloakroom*" e *Face the Nation* jamais alcançaram o mesmo nível de audiência das transmissões, ao vivo, pelo rádio e pela televisão, da Casa Branca. Nem se pode dizer que as representações espetaculares dos Senadores Mc Carthy e Kifauver para as donas-de-casa da América tenham despertado nosso interesse no Congresso ou nosso respeito por ele como uma instituição. Reconheçamos que o Presidente tem sido o principal beneficiado pelos milagres eletrônicos e rezemos para que o Congresso jamais sucumba à necessidade de competir com ele colocando, no ar, suas atividades regulares.

Tem sido assim a Presidência, um milagre da eletrônica, permitindo essa presença mais efetiva, instantânea, momentânea, da ação residencial em qualquer momento da vida da nação.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Pois não. Com muito prazer.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Senador Luiz Viana, eu pessoalmente estou de pleno acordo com V. Ex^a, que o Presidente da República é o Chefe, tem o direito de participar da campanha da Aliança Renovadora Nacional, buscando o seu fortalecimento, buscando a conquista do maior número de prefeitos, de representantes nas Câmaras Municipais, em 1976, lutando em favor dos seus candidatos aos Governos Estaduais — perfeitamente correto. O que não está certo é o Presidente da República com o seu Partido, às vésperas das eleições, mudar as regras do jogo, principalmente sabendo-se que o Governo tem possibilidade de, diariamente, ir à televisão e ao rádio, falar em favor dos seus candidatos, em favor do seu Partido, enquanto esse mesmo direito não existe para os homens da Oposição. Com essa desigualdade não concordamos. Aqui, o grande erro, eminente Senador.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Até onde sei, não houve, até o momento, nenhuma discriminação entre ARENA e MDB, quanto a métodos, sistemas e possibilidades de propaganda.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Permite V. Ex^a outro aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Pode haver certa mudança, mas que será válida para todos os Partidos e não apenas para um deles.

O Sr. Franco Montoro (MDB — SP) — Permite V. Ex^a um aparte?

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Pois não. Ouço, com prazer, o nobre Senador Evelásio Vieira.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Só para complementar. V. Ex^a sabe que o Presidente da República, seus Ministros e os Governadores têm acesso às emissoras de rádio e televisão a qualquer instante. Isto não acontece com os homens do Movimento Democrático Brasileiro. O nosso Líder, Sr. Senador Franco Montoro, não tem possibilidades de fazê-lo como Presidente do Partido, e o mesmo acontece com os demais Parlamentares, proibidos de ocuparem as estações de televisão e rádio neste País. V. Ex^a bem o sabe.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Parece que este assunto está apenas dependendo de uma regulamentação, uma vez que a lei previu este acesso ao rádio e à televisão, por parte dos Partidos nacionais.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Não, Excelência. Independente do projeto que está para ser apreciado e que modifica a propaganda eleitoral no rádio, na televisão, hoje o próprio homem de rádio, da televisão não procura o Líder do MDB, da Oposição, porque sabe que aquele seu trabalho não poderá ser apresentado. V. Ex^a não desconhece esta circunstância, e se registre, ainda, que o Senhor Presidente da República irá ocupar a televisão, o rádio, em cadeia nacional, inclusive, até as vésperas da eleição, o que não será possível aos homens da Oposição.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Sr. Presidente, o que me proponho aqui é justamente a defender, e mais que a defender, a louvar a participação do Senhor Presidente da República na vida política, na campanha política, na liderança política do País. Isso deve ser para nós, para mim, para o nosso eminente colega da Oposição, um motivo de satisfação e sobretudo de tranquilidade. O que me intranquilizaria era se soubesse que o Senhor Presidente da República está indiferente às eleições, que as eleições não têm importância, nada significa e, uma vez realizadas, dar-se-á um caminho qualquer ao País. Não. O Presidente da República está dando uma demonstração inequívoca da importância que dá às eleições, ao voto, ao eleitorado, à vontade do País. E, naturalmente, se julgou ou se julga em condições de poder transmitir ao povo brasileiro, a grande obra social que vem realizando e que, realmente, está dando uma nova fisionomia à Democracia, à vida brasileira.

O Sr. Franco Montoro (MDB — SP) — V. Ex^a permite um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Com muito prazer meu eminente colega e ilustre Líder do MDB.

O Sr. Franco Montoro (MDB — SP) — Acho que V. Ex^a tem razão em destacar alguns aspectos positivos desta procura de comunicação com o povo por parte do Presidente da República e até mesmo a sua participação na campanha política. V. Ex^a cita o exemplo dos Estados Unidos — e o faz muito bem! Mas pediria, então, que V. Ex^a aceitasse também as consequências dessa aproximação, que se desse no Brasil, assim como nos Estados Unidos, à Oposição, a oportunidade de debater aquelas afirmações feitas pelo Presidente da República. Sabe V. Ex^a que nos Estados Unidos existe a lei chamada do *Equal Time* (tempo igual) para o governo e para a oposição. Esta grande iniciativa do Presidente da República precisa ser completada com a liberdade para que a Oposição possa apresentar a sua crítica e responder, também, as críticas que lhes são feitas. Frequentemente o Presidente diz: "A Oposição só faz demagogia, não apresenta sugestões concretas". E aponta as realizações do Governo. V. Ex^a há de concordar...

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — E V. Ex^a responde sempre desta tribuna.

O Sr. Franco Montoro (MDB — SP) — ... não pela televisão e pelo rádio. Inegavelmente a comparação de V. Ex.^a fica a meio de caminho. Faça-se como os Estados Unidos, sim, mas vamos então dar também aquilo que nos Estados Unidos se dá à Oposição: o direito de ir ao rádio e à televisão para debater. Só assim é que teremos um diálogo democrático. Fora daí teremos um monólogo autoritário, o que não é exemplo dos Estados Unidos.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA) — Mas, Sr. Presidente, eu concluirei já.

O que quero evocar aqui é um depoimento de grande importância, que é o papel que James Bryce, no seu livro clássico sobre a República americana, dá ao Presidente da República dizendo:

"Geralmente, na América, há incontestável tendência de concentrar o poder e a responsabilidade em um só homem. Não há que temer que o Presidente se torne um déspota, isto é, fazer prevalecer a sua vontade sobre a maioria. Mas ele pode ter um papel a desempenhar como chefe da maioria e como expressão da sua vontade."

Vê V. Ex.^a, Sr. Presidente, que recorrendo aos melhores clássicos do assunto, aos que mais estudaram, eu poderia trazer aqui, também, algumas notas sobre Tocqueville, que foi outro estudioso da vida americana, como Bryce. Ambos a atribuírem essa posição ao Presidente da República.

Por último. — esse é recente, mas não é menos familiar a todos nós e aos eminentes Deputados e Senadores da Oposição — Harold Laski, que também, num livro sobre a Presidência americana, escreve que "cada Presidente tem a sua oportunidade de influir. O caminho que ele usa depende, em parte da sua personalidade, em parte, das situações com que se defronta. Um presidente é um, numa emergência; outro se, como Coolidge, ele encontra um período de profunda prosperidade".

Realmente, o que tem marcado a vida americana, a importância, a liderança dos seus presidentes, tem sido, sobretudo, as dificuldades. Os grandes presidentes foram os que encontraram as grandes tormentas, grandes dificuldades, como, Lincoln, Wilson, Roosevelt, Truman e poucos mais, no começo da vida republicana, entre os quais se destacam, naturalmente, Washington e o Presidente Monroe.

Mas, na realidade, cada presidente é diferente do outro. Não há dois presidentes iguais. Cada um usa aquele imenso poder, aquele necessário poder que tem nas mãos e que lhe é dado pela Constituição, pela prática, pela tradição de todos os regimes presidenciais; e hoje até pelos regimes não presidenciais, como é o caso do exemplo francês — regime semipresidencial — onde a atuação dos presidentes vai-se acentuando. Isso que acabaria com De Gaulle; veio Georges Pompidou, que foi um Presidente forte; e, agora, Giscard d'Estaing, que é um Presidente forte. Naturalmente, veremos o que ocorrerá daqui por diante, quando tivermos — se isso acontecer — um Presidente sem maioria parlamentar.

Por enquanto, o que se tem afirmado, na França, é uma ascensão continuada da atuação da força do Presidente da República.

Como dizia, Sr. Presidente, cada presidente é diferente do outro. E nós, que conhecemos a história republicana — uns, mais de perto, por serem mais velhos — como é o meu caso — e outros, por terem convivido mais intimamente, como é o caso do nosso ilustre e eminente colega. Senador Amaral Peixoto, sabemos que cada presidente teve o seu feito, a sua maneira de ação, considerou qual a melhor maneira de servir ao País e bem desempenhar o seu cargo. Li, e todos nós temos aquelas páginas admiráveis de João Neves da Fontoura nas suas memórias, quando ele faz aquela comparação entre os Presidentes Arthur Bernardes e o Getúlio Vargas, ambos autoritários, ambos não acreditando na democracia parlamentar, mas ambos agindo profundamente na vida política do País. Também Afonso Arinos, nosso colega até há pouco, fez um perfil de Washington Luiz, ao lado do perfil de Getúlio Vargas. Washington Luiz, teimo-

so, confiante, intratável, de um imediatismo direto e no qual, segundo Afonso Arinos, predominava a ambição de domínios. "No gáuch — é a expressão que Afonso Arinos usa para denominar o Presidente Getúlio Vargas — o que havia era o plástico, o dúbio, o lúcido calculista no qual avultava a ambição do poder".

Ve V. Ex.^a Sr. Presidente, que se nós tivéssemos tempo para uma digressão: desde Campos Salles, tão diferente de Prudente de Morais; Rodrigues Alves ainda mais diferente de Campos Salles e, assim sucessivamente, veremos que cada Presidente marcou, assinalou na vida brasileira uma maneira diferente. Mas todos eles sen. iram sempre a necessidade de comandar a política do País. Não houve Presidente do Brasil que não tomasse a si as rédeas da política. Não houve Presidente que, pensando em democracia, pensando em poder democrático, pensando em voto, pensando em eleições, não sentisse que era ele, ele e mais ninguém, nenhum Ministro, nenhuma equipe de Ministros, que estava em condição de se dirigir ao País para dele esperar o apoio necessário para a continuidade de uma política, de uma orientação política, de uma vida política. E é isso que está começando a fazer — em boa hora, para mim — o Presidente Ernesto Geisel. Ele não está usando o poder para perseguir, para esmagar, para denegrir, para atacar. Não! Ele está usando, legitimamente, a sua condição de Presidente, de Líder da Revolução para levar — como se diz — às bases, levar ao povo a consciência de que é necessário votar na Resolução. E quando Sua Excelência o faz, o faz com uma consciência profunda de que está assim trabalhando da melhor maneira, para implantar, para assegurar a vida democrática no Brasil. Esta que é a realidade. O Presidente não está fazendo esse tremendo esforço por uma vaidade pessoal, até porque Sua Excelência, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, não pode ser reeleito, não pode servir a uma pretensão de ordem pessoal. A pretensão que Sua Excelência tem é de ordem democrática; é pelo conhecimento que tem do País, dos seus problemas, das suas dificuldades, das forças que teve e terá, certamente, que enfrentar, para assegurar a vida democrática, Sua Excelência sente que precisa participar, precisa conciliar, precisa pedir aos brasileiros que apoiem a Revolução, para que ela continue a ser como Sua Excelência deseja, como nós desejamos, uma Revolução democrática, uma Revolução que amanhã, quando se institucionalizar, não terá outro caminho nem pretende outro caminho que não seja o da democracia.

Mas, para que tal aconteça, Sr. Presidente, é necessário que o Presidente tome a si esse encargo, que Sua Excelência leve ao País a sua palavra, a sua palavra de homem de bem, de homem íntegro, de homem dedicado à causa pública, para conclamar os brasileiros a que, pelo voto apoiem a Revolução de 1964.

Isso é o que está sendo feito e é o que vai ser feito. E que deve ser aplaudido, não apenas por nós, os seus correligionários, mas que deve ser louvado, aceito, estimulado, pelas forças da Oposição que, nessa atitude tem a segurança da vida democrática do Brasil. (Muito bem! Palmas).

ATO DA COMISSÃO DIRETORA

Nº 7, de 1976

A Comissão Diretora do Senado Federal, no uso de sua competência regimental e tendo em vista o que consta do Processo nº 1.040/75 e o preceituado na Lei nº 5.903, de 9 de julho de 1973, resolve reificar, com efeito a partir desta data, o enquadramento constante do Ato nº 5, de 1973, alterando na forma abaixo a lotação ideal sem aumentar o total geral de claros do Grupo-Atividades de Apoio Legislativo, Categorias funcionais de Técnico Legislativo e Assistente Legislativo, do Quadro Permanente do Senado Federal, fixados pelos Atos nºs 13 e 15, de 1973, e 3, de 1975, da Comissão Diretora, que passa a ser o seguinte:

GRUPO — ATIVIDADES DE APOIO LEGISLATIVO

Código — SF-AL-010

Categoria Funcional — TÉCNICO LEGISLATIVO

Classe — "A" (SF-AL-011.6)

Nº de Claros — 127 (120 já enquadrados)